

Capítulo 1

Transformações na Língua Portuguesa: uma questão atual ou o passado explica?¹

Caroline Tavares²
Simone Terra Alves Pinto³
Patrícia Ferreira Santiago⁴

INTRODUÇÃO

O capítulo em questão vem discutir sobre “A história da Língua Portuguesa”, a partir de sua origem e suas transformações até que chegasse ao estado atual. Este estudo pauta-se na ideia de língua como unidade ideal, abstrata e virtual; diante disso, é possível reiterar que as línguas românicas são oriundas do Latim, uma antiga língua indo-europeia, originalmente falada no Lácio, a região do entorno da cidade de Roma, localizada na Península Itálica. O Latim, considerado língua mãe, sofreu modificações ao longo dos séculos, transformando-se no Português, no Espanhol, no Italiano, no Francês, no Romeno, entre outros. Essas línguas, apesar da origem similar, possuem características próprias, que as diferenciam e as tornam línguas nacionais distintas, pois são originárias de um Latim vulgar que, gradativamente, distanciou-se do Latim clássico. Isso ocorreu

por motivos geográficos, cronológicos, econômicos, políticos e por questões de superstratos linguísticos.

Em um dado momento, o Latim expandiu-se pelos territórios, que foram se modificando temporalmente através das cidades. O Latim falado em território francês não era o mesmo na Península Ibérica, então não era possível que a população falasse da mesma maneira e adquirisse determinados regionalismos, sotaques, ritmos.

As mudanças diacrônicas no Latim podiam ser percebidas entre os territórios. Após as batalhas e as consequentes conquistas territoriais, as terras eram divididas, o que diminuía o poder, principalmente o político, de Roma. Os chefes de exércitos tornavam-se governantes e, assim sendo, criar uma língua nacional trazia mais poderes para aquele lugar.

A Língua Portuguesa é considerada uma unidade abstrata, estruturada linguisticamente em Portugal, o qual foi expandido pelo território da Lusitânia entre os séculos XV e XVI. O Português foi levado para outros rincões, tornando-se língua oficial; dentre estes, destacam-se o Brasil e os países africanos, como Angola, República Democrática de São Tomé e Príncipe, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Apesar das variações, diferentes pronúncias e inclusões de regionalismos dos territórios, eles mantêm uma unidade com o Português lusitano e marcas do Latim.

Sabe-se que as mudanças linguísticas estão relacionadas ao processo de modificação sociocultural de um povo e aos acontecimentos de natureza política e social. Entretanto, dominar a estrutura linguística, tanto oral como na escrita, faz-se necessário, para que a comunicação não se dissolva rapidamente, e é através de algumas regras que se torna possível essa organização.

Assim, esta pesquisa se faz relevante, para que possamos entender a importância da evolução da língua, que adquire diversas variações no

decorrer dos tempos, e por permitir mostrar que toda língua é mutável, além de que essas mudanças seguem certa regularidade, e, quando acontecidas no passado, seguem ocorrendo, também, no presente, sem que o falante as perceba.

No caso específico desta pesquisa, provou-se que várias presenças linguísticas consideradas erradas no português atual são indícios de mudanças que podem ser explicadas pelos princípios de estudos diacrônicos, uma vez que são um processo de transformações ocorridas em uma determinada língua durante sua evolução histórica.

Nessa vertente, na pesquisa, as mudanças fonéticas, que são as mudanças regulares observadas nos sons de uma língua, objeto de estudo mais profundo, sugerem esses indícios como transformações e não meros erros, como alguns leigos teimam em rotular.

Diante disso, problematiza-se: as manifestações linguísticas vistas em várias redações escolares podem ser corrigidas como simples erros ou são fenômenos ocorridos naturalmente, presos a certas regularidades que a fonética histórica explica? Será possível confirmar a teoria de que a língua muda constantemente, de maneira lenta e gradual, e representar por meio de dados – as redações escolares de alunos do 8º ano – as mudanças ocorridas na contemporaneidade?

As hipóteses primeiras desta pesquisa foram de que, através do estudo de gramática teórica e histórica, se pode mostrar como uma língua consegue se transformar no decorrer dos séculos, que essas mudanças têm singularidades e que é possível explicar os fenômenos ocorridos na Língua Portuguesa na contemporaneidade por meio da fonética histórica. Ainda, a ideia passa por comprovar as transformações da língua através de possíveis “erros” encontrados em redações de alunos do Ensino Fundamental II, vendo-os como variantes, talvez aquelas que passem a vigorar no futuro como língua padrão ou língua de prestígio.

Assim, o objetivo geral deste capítulo é apresentar algumas transformações fonéticas ocorridas na Língua Portuguesa, de sua origem até a contemporaneidade, e se desdobra em objetivos específicos, a saber: analisar as modificações linguísticas ocorridas na contemporaneidade; confirmar as transformações fonéticas observadas no decorrer dos anos na Língua Portuguesa, a partir da abordagem diacrônica; e mostrar as singularidades dos dias atuais, denominadas como “erros”, derivadas do processo de passagem do Latim para a Língua Portuguesa.

Para tanto, o referencial teórico que sustenta este estudo é Coutinho (1976), que descreve a história da Língua Portuguesa; Câmara Jr. (1979), que apresenta a língua como unidade abstrata e virtual e aponta os diversos fatores de mudanças linguísticas; Tarallo (1996), que estuda, a partir da sociolinguística, as variantes que estão sugerindo mudanças futuras; e Lemle (1984), que aponta as variantes não como erros, mas como língua em movimento.

Além desse estudo bibliográfico, outro aspecto metodológico é a pesquisa de campo de caráter qualitativo, já que a teoria a ser comprovada usará como *corpus* de análise uma coletânea de redações escolares dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da rede pública de ensino, em que se esteve realizando atividades de estágio supervisionado.

HISTÓRIA: EXPANSÃO E SURGIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A língua como unidade é uma estrutura ideal, que apresenta, em si, os traços básicos comuns a todas as suas variedades, e a invariante abstrata e virtual, sobreposta a um mosaico de variantes concretas e atuais. É notório que as línguas são vivas, dinâmicas e adquirem um enriquecimento através da incorporação de novas palavras.

A história de suas transformações é, também, a história de evoluções, sejam elas sociais, econômicas, políticas ou culturais. Compreender as mudanças na fala e na escrita, ocorridas naturalmente, é sentir de perto o idioma em movimento.

A Língua Portuguesa, como várias outras do mundo moderno ocidental, pertence ao grupo das línguas ditas “românicas”, ou “neolatinas”, pois conservam vestígios indelévels de sua filiação ao Latim no vocabulário, na morfologia e na sintaxe. O Latim, a língua do Lácio, na Itália Antiga, ou, mais especificamente, da cidade de Roma, teve suas origens por volta do século III a.C. por latinos, etruscos e sabinos, povos que habitavam a região central da Itália. Com o passar do tempo, o Latim foi absorvendo os demais falares itálicos e tornou-se a língua nacional de todo o Império Romano. O poeta brasileiro Olavo Bilac (*apud* CANDIDO; CASTELLO, 2001, p. 377) assim nomeia a Língua Portuguesa:

*Última flor do Lácio, inculta e bela
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...*

Pode-se perceber que, apesar de as línguas românicas originarem-se de uma mesma língua, há uma diferença notável entre elas. A diferenciação dialetal é uma das principais causas da transformação do Latim nas línguas românicas. Elas podem ser descritas em dez variedades: Português, falado em Portugal, Ilhas, África, Ásia e Brasil; Espanhol, falado na Espanha, nas suas ex-colônias, na América Latina etc.; Italiano, falado na Itália, Córsega e Sicília; Francês, falado na França, Bélgica, Suíça, Mônaco, Canadá, Tunísia, Marrocos, Congo e Guiné; Romeno ou Valáquio, falado na Romênia e ao norte da Macedônia; Rético, também chamado reto-romano, romanche e ladino, falado no Tirol; Galego, falado na Galiza; Provençal, falado na Provença, sul

da França; Catalão, falado na Catalunha e nas Ilhas Baleares; Sardo, falado na Sardenha; Dalmático, que, até o século XIX, encontrava-se na Dalmácia, região da Iugoslávia, mas, atualmente, é uma língua morta.

O Latim vulgar é o que corresponde essencialmente ao nosso conceito de língua viva, sendo a Língua Portuguesa proveniente deste, e foram os romanos os responsáveis por introduzi-la na Lusitânia, região situada no ocidente da Península Ibérica. O Latim vulgar não se apegava a regras gramaticais e era utilizado pelo povo e, principalmente, pelos soldados romanos. O Latim clássico só era língua viva na medida em que recebia influência do Latim vulgar e se tornava, com isso, mais maleável e mesmo um tanto dinâmico. Era mais proferido por escritores, filósofos e outros poucos de classes mais bem favorecidas, pois fugia do cotidiano da maioria.

Diversas causas da acentuada diferenciação do Latim vulgar e da consequente formação das línguas românicas são apontadas por Câmara Jr. (1979), entre elas, o fator cronológico. As diversas regiões foram conquistadas e latinizadas em épocas diferentes e receberam um Latim menos ou mais evoluído. A romanização da Península Ibérica precedeu a das Gálias, e uma outra foi posterior à da Itália; a da Dácia foi particularmente tardia. Na Ibéria, a Lusitânia só se latinizou, francamente, muito depois da Bética e mesmo de grande parte da Província Terraconense.

Outra condição a ser destacada é a socioeconômica, muito diversificada, o que acarretava necessariamente certa diversidade linguística. Um bom exemplo seria a Lusitânia, que era um país de vida essencialmente rural, sem os grandes centros urbanos e comerciais da Bética.

O contato com línguas muito distintas, às quais o Latim se superpunha, resultava em variados substratos linguísticos – um caso de empréstimos feitos por uma língua dominante à língua vencida. Para

a Lusitânia, tem-se alegado uma predominância do elemento celta ou, pelo menos, celtibero.

A língua foi mudada a favor do Latim, mas as línguas abandonadas passaram, por sua vez, a superstratos dos Latins provincianos; na Península Ibérica, o pequeno império dos Suevos dominava a Lusitânia do Tejo para cima, e, durante algum tempo, toda a península foi um grande império visigótico.

Causa muito mais profunda foi, para cada região, o maior ou menor contato com o Latim de Roma através dos tempos. Segundo Câmara Jr. (1979, n. p.),

Roma era a cabeça política, social e cultural do Império, o grande centro irradiador das inovações linguísticas, que trabalhavam em medida crescente o seu Latim vulgar. Ora, essas inovações atingiam em grau diferente as diversas províncias, conforme a distância e a posição de cada uma dentro ou à margem das grandes correntes de comunicação do Império.

Umam eram áreas que participavam da vida linguística da capital, como a Itália e as Gálias. Outras eram áreas “laterais”, um tanto ao lado dessa vida linguística, como, de maneira geral, a Ibéria. Havia ainda as áreas “isoladas”, como a Sardenha e a Dácia. A Lusitânia, o berço da Língua Portuguesa, era das três províncias ibéricas a área que se pode considerar mais lateral.

AS MUDANÇAS LINGUÍSTICAS E FONÉTICAS

As mudanças linguísticas são um processo de transformações ou modificações ocorridas em uma determinada língua durante sua evolução histórica. Nessa mesma vertente diacrônica de estudos, encontramos as mudanças fonéticas, que são aquelas regulares observadas na evolução de todas as línguas, movidas pela configuração fonética das palavras – transformações de sons de uma língua para outra –, que acabam por atingir de forma abrangente o léxico de cada língua em determinado recorte de tempo.

[...] costuma-se distinguir, em linguística histórica, a mudança fonética – que, em princípio, consiste apenas numa alteração da pronúncia de certos segmentos em determinados ambientes da palavra – da mudança fonológica – que envolve alterações, por exemplo, no número de unidades sonoras distintivas (os chamados *fonemas*) e, portanto, no sistema de relações entre essas unidades (FARACO, 2005, n. p.).

É inegável como nosso país é vasto e diversificado em variedades linguísticas. Cada região possui seus regionalismos, e estes podem ser classificados como “padrão” ou “não padrão”; “conservadores” ou “inovadores”; e “prestigiados” ou “estigmatizados”. A partir desses conhecimentos, podemos afirmar que, no Português do Brasil, há muitas marcações que o diferem do Português lusitano, entre elas a do plural, em que a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; já a variante [Ø], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não padrão.

Diante do exposto, segundo Tarallo (1996), a marcação do plural no sintagma nominal encontra-se em estado de variação, o qual pode ser analisado na frase *as meninas bonitas*. Pode-se notar a presença

do seguimento fônico [s], o que significa que o falante utiliza a norma padrão da língua; em contrapartida, a frase *as meninas bonita* demonstra a ausência desse segmento, ou seja, a forma “zero” [Ø], mantendo o uso do plural somente na posição inicial, utilizando, assim, a norma não padrão.

Feito o estudo da história da língua e analisadas algumas marcações do plural, cabe agora um olhar mais atento às transformações linguísticas que se deram na passagem do Latim para o Português. Na evolução do Latim falado, no início do Império, para o falado na România Ocidental – norte da Itália, Gália, Récia e Hispânia – e deste para o atual Português, verificam-se consideráveis mudanças regulares, determinadas pelo contexto fonético. No caso da perspectiva diacrônica, essas transformações são denominadas “metaplasmos”. Segundo Coutinho (1976), metaplasmos são modificações fonéticas sofridas pelas palavras na sua evolução. Elas são distribuídas em quatro espécies, que são motivadas pela troca, pelo acréscimo, pela supressão e pela transposição de fonema ou de acento tônico. Os metaplasmos subdividem-se da seguinte forma:

Metaplasmos por permuta

São os que consistem na substituição ou troca de um fonema por outro.

Metaplasmos	Definição	Exemplos
Sonorização	Um fonema surdo muda para um sonoro em sua homorgânica.	acutu > agudo, profectu > proveito
Vocalização	Transformação de um fonema consonantal em vocálico.	factu > feito, absentia > ausência

Metaplasmos	Definição	Exemplos
Consonantização	Contrário da vocalização, ou seja, transformação de um fonema vocálico em um consonantal.	ieiunu > jejum, uagare > vulgar
Assimilação	Aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas, resultado da influência que um exerce sobre o outro.	persona > pessoa (arc.) > pessoa, persicu > pessicu > pêssego
Dissimilação	Por existir um fonema igual ou semelhante no vocábulo, dá-se uma diversificação ou queda de um fonema.	calamellu > caramelo, aratru > arado
Nasalação ou Nasalização	Transformação de um fonema oral em fonema nasal.	mac(u)la > mancha, mi (arc.) (< mi por mihi) > mim
Desnasalação ou Desnasalização	Contrário do que ocorre na nasalização, o fonema que antes era nasal perde a nasalidade e torna-se oral.	lũa (arc.) (< luna) > lua, boa (arc.) (< bona) > boa
Apofonia ou Deflexão	Modificação que ocorre quando uma vogal da sílaba inicial se junta a um prefixo.	per + fáctu > perfectu > perfeito
Metafonia	Resultado da influência que uma vogal ou semivogal exerce sobre outra anterior, modificando, assim, o som ou o timbre da primeira.	fecī > fiz, debita > dívida

Fonte: Coutinho (1976) – adaptado

Metaplasmos por aumento

São aqueles que acrescentam fonemas à palavra.

Metaplasmos	Definição	Exemplos
Prótese ou Prótese	Acréscimo de um fonema no início do vocábulo.	stare > estar, scutu > escudo
Epêntese	Acréscimo de um fonema no interior do vocábulo.	area (< arena) > areia, stella > estrela
Anaptixe ou Suarabácti	Um tipo de epêntese especial, que consiste em desfazer um grupo consonantal pelo acréscimo de um fonema vocálico.	fevrairo (< febrariu por februarium) > fevereiro
Epítese ou Paragoge	Acréscimo de fonema no final do vocábulo.	ante > antes, bem como algures, alhures, entonces (arc.)

Fonte: Coutinho (1976) – adaptado

Metaplasmos por subtração

São os que tiram ou diminuem fonemas da palavra.

Metaplasmos	Definição	Exemplos
Aférese	Perda de um fonema no início do vocábulo.	inodio > nojo, inamorate > namorar
Síncope	Queda de um fonema no meio de um vocábulo.	manica > manga, malu > mau

Metaplasmos	Definição	Exemplos
Haplologia	Um tipo de síncope especial, que consiste na queda de uma sílaba medial por haver outra idêntica ou quase idêntica no mesmo vocábulo.	idololatria > idolatria, vendeda (< vendita) > venda
Apócope	Queda do fonema no fim dos vocábulos.	amare > amar
Crase	Processo de fusão de dois fonemas vocálicos contíguos.	door (arc.) (< dolore) > dor, seer (arc.) (< sedere) > ser
Sinalefa ou Elisão	Queda de um fonema vocálico no final de uma palavra, quando outra começar também com vogal.	de + intro > dentro

Fonte: Coutinho (1976) – adaptado

Metaplasmos por transposição

São os que tiram ou diminuem fonemas da palavra.

Metaplasmos	Definição	Exemplos
Metátese	A transposição de um fonema que se pode verificar na mesma sílaba ou entre sílabas.	semper > sempre, inter > *intre (> entre)
Sístole	Transposição de acento tônico de uma sílaba para a anterior.	benção (< benedictione) > bênção
Diástole	Deslocação do acento tônico para uma sílaba posterior.	gémitu > gemido, júdice > juiz

Fonte: Coutinho (1976) – adaptado

As mudanças na fala com a evolução da língua são extremamente comuns e são identificadas habitualmente na fala espontânea, na qual ocorrem acréscimos e subtrações de fonemas, que acabam por gerar outra forma para falar uma palavra comum. Ou seja, sincronicamente, essas alterações se manifestam na observância da variação que provém não apenas da historicidade, mas também de outras restrições linguísticas, ou, ainda, do *status* social do falante. Entre os agentes modificadores que estão presentes atualmente em nossa língua, podemos contar com inúmeros outros que contribuem para a evolução e/ou modificação do Português. Assim, além do Português padrão, há outras variedades de usos da língua cujos traços mais comuns serão evidenciados a partir da avaliação das transformações fonéticas que pode sofrer uma língua, tomando, como analogia, essa teoria para avaliar as mudanças no Português contemporâneo.

As palavras da tabela seguinte exemplificam algumas das mudanças fonéticas evidenciadas nos quadros anteriores. Estas foram colhidas no universo escolar de alunos com a idade média entre 13 e 14 anos, das turmas do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino que recebe alunos residentes dos bairros vizinhos e de bairros centrais da cidade de Divinópolis, Minas Gerais. O *corpus* constitui-se de produções textuais colhidas durante o ano letivo escolar. Para melhor representação das classificações, será construída uma tabela, que mostrará, de forma clara, a ocorrência das transformações fonéticas mais frequentes nos casos estudados.

Metaplasmos por adição de fonemas

Português padrão	Português não padrão	Fenômeno
Nós	Nóis	Epêntese – Acréscimo do fonema [i] no interior do vocábulo

Português padrão	Português não padrão	Fenômeno
Após	A pois	Epêntese de [i]
Mas	Mais	Epêntese de [i]

Fonte: anotações das autoras

Metaplasmos por permuta de fonema

Português padrão	Português não padrão	Fenômeno
Precisamos	Pricisamos	Permuta de vogal média [e] para vogal alta [i]
Com	Cum	Permuta de vogal média [o] para vogal alta [u]

Fonte: anotações das autoras

Metaplasmos por subtração de fonema

Português padrão	Português não padrão	Fenômeno
Para os	Pros	Síncope de [a]
Vendendo	Vendeno	Síncope de [d]
Porque	Poque	Síncope de [r]

Fonte: anotações das autoras

Português padrão	Português não padrão	Fenômeno
Está	Tá	Aférese do [es]
Estou	Tô	Aférese do [es] e Apócope de [u]

Fonte: anotações das autoras

Português padrão	Português não padrão	Fenômeno
Somos	Somo	Apócope de [s]
Mais	Mai	Apócope de [s]
Sou	Sô	Apócope de [u]
Acabou	Acabô	Apócope de [u]

Fonte: anotações das autoras

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a tabela de ocorrência das transformações fonéticas contemporâneas, podemos concluir que há uma regularidade de casos do mesmo fenômeno de subtração, sendo visível a ocorrência desse metaplasmo nos fragmentos dos textos de vários alunos da mesma faixa de idade das turmas do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública.

Os casos de metaplasmos mais recorrentes são os de acréscimo, que acontece quando adicionamos um fonema a uma sílaba, alterando sua estrutura e formação fonética, sendo que, a cada posição em que uma letra é inserida, logo temos a formação de um metaplasmo diferente. O segundo caso em questão é o mais comum encontrado em nosso *corpus*, a redução, também decorrente dos processos diacrônicos pelos quais o idioma perpassa. Torna-se cada vez mais comum encontrarmos processos de metaplasmos responsáveis pela eliminação de fonemas em qualquer posição, seja na oralidade ou na escrita.

Segundo Câmara Jr. (1984), a tendência à redução é vista como decorrente do próprio Latim vulgar, ocasionada, possivelmente, pela tonicidade da

palavra; em contrapartida, os vocábulos portugueses de acentuação na antepenúltima sílaba raramente provêm da evolução do Latim vulgar.

O estudo histórico da Língua Portuguesa teve como objetivo descrever as mudanças ocorridas na língua no decorrer da sua história, desde a sua origem no Latim vulgar até a fase moderna, expondo a fonética e a morfologia evolutivas do Português, além de explicar acerca da formação das línguas românicas, do Português do Brasil, entre outras questões relevantes. Ressaltaram-se as leis fonéticas como princípios que regeram a evolução da Língua Portuguesa desde seu princípio no Latim, ao percorrer a fase arcaica até a moderna. Com isso, foi possível mostrar, através dos metaplasmos, os processos que continuam operando na língua, e que geram as alterações nos vocábulos.

Toda língua é um organismo vivo e dinâmico que se modifica e evolui, resultando no surgimento de novas palavras que expressam diferentes conceitos e que substituem, muitas vezes, as que, com o passar do tempo, deixam de ser usadas. Destarte, compreender a evolução das línguas, e a dependência desses processos na tenacidade desta como unidade linguística que fomenta uma nação, nos faz refletir sobre os nossos deveres como falantes ativos, vinculados à nossa língua. A história nos confirma que tanto a língua padrão quanto a não padrão fazem parte da língua como um todo, portanto, dominar apenas uma delas não é suficiente para que se possa compreendê-la e usá-la integralmente.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. **Presença da literatura brasileira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- COUTINHO, I. de L. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico, 1976.
- FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Na ponta da língua; v. 12).
- LEMLE, M. **Análise sintática: teoria geral e descrição do português**. São Paulo: Ática, 1984.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1996.

NOTAS DE FIM

- 1 Este artigo é resultado de atividade de Ensino na graduação do curso de Letras da UEMG Divinópolis.
- 2 Graduada em Letras pela UEMG Divinópolis, em 2017.
- 3 Graduada em Letras pela UEMG Divinópolis, em 2017.
- 4 Professora da UEMG Divinópolis e mestre em Língua Portuguesa pela PUC-Minas.